



RESENHA

DEPALMA, Paula. **Espaços litúrgicos de mulheres:** revisar o passado, transformar o presente, desenhar o futuro. São Paulo: Paulus, 2024. 158 p.

Kaina Barbosa da Silva*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Teologia
São Paulo, SP, Brasil
E-mail: kainatananta@gmail.com
ORCID: [0009-0000-6616-3660](https://orcid.org/0009-0000-6616-3660)

Reuberson Ferreira**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Teologia
São Paulo, SP, Brasil
E-mail: ferreirarr@pucsp.br
ORCID: [0000-0001-6760-8027](https://orcid.org/0000-0001-6760-8027)

A obra *Espaços litúrgicos de mulheres: revisar o passado, transformar o presente, desenhar o futuro*, de Paula Depalma, constitui uma contribuição singular para a teologia litúrgica contemporânea. Composta por apresentação, introdução, quatro capítulos e uma conclusão, integrados em 158 páginas, a autora propõe-se a resgatar criticamente a participação feminina na liturgia, um campo em que as mulheres foram historicamente invisibilizadas. A perspectiva central de Depalma é reler a tradição, reinterpretar o presente e projetar possibilidades futuras de maior inclusão e reconhecimento do protagonismo das mulheres.

A apresentação do livro é feita por Andrea Grillo, que destaca a estrutura da obra como fruto do movimento litúrgico e aponta algumas perspectivas conclusivas sobre o tema. O livro de Paula Depalma, por sua vez, responde com clareza e fluidez a essas perspectivas, propondo uma síntese cuidadosa da relação entre mulheres e liturgia, que merece atenção especial. Na introdução, a autora situa o debate a partir da constatação de que, embora o

* Graduada em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

** Doutor e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

número de teólogas tenha crescido significativamente nas últimas décadas, a teologia litúrgico-sacramental permaneceu quase inalterada quanto à presença feminina, revelando não apenas uma lacuna acadêmica, mas também um problema eclesial, já que a liturgia constitui o coração da vida cristã e deveria refletir todas as vozes do povo de Deus. Partindo dos princípios do Concílio Vaticano II, Depalma questiona como a participação das mulheres pode encontrar espaço efetivo na liturgia e na estrutura formal da Igreja.

No primeiro capítulo, a autora dedica-se a apresentar as chaves metodológicas que guiarão seu percurso. Parte da definição original do termo *liturgia*, compreendido como ação comunitária em favor do bem comum, para mostrar como, ao longo dos séculos, ele foi progressivamente reduzido a rituais, rubricas e formalismos, sobretudo após a cristandade constantiniana. O Concílio Vaticano II, segundo Depalma, representou um ponto de inflexão, ao resgatar a dimensão participativa e comunitária da liturgia. Nesse contexto, a autora denuncia a ausência de textos produzidos por mulheres e a falta de referências explícitas à sacramentalidade feminina. E com o fortalecimento da Igreja institucionalizada sob Constantino, ocorreu um verdadeiro “êxodo feminino” dos espaços litúrgicos. Esse afastamento levou à marginalização da voz das mulheres na codificação dos textos litúrgicos e nos ministérios sacramentais, de modo que o protagonismo feminino, tão vivo nas primeiras comunidades, foi silenciado. Depalma defende, portanto, que a análise histórica é essencial para fazer justiça a essas mulheres, resgatando práticas, experiências e lideranças invisibilizadas pela tradição oficial.

No segundo capítulo, Depalma aprofunda a reconstrução histórica, apoiando-se nas pesquisas da liturgista Teresa Berger. Mostra como, no cristianismo primitivo, mulheres exerciam papéis relevantes, tanto em continuidade com práticas judaicas quanto no interior do mundo greco-romano. Contudo, esse espaço foi progressivamente reduzido a partir do século IV, com a oficialização do cristianismo como religião do Império. As mulheres foram afastadas dos ministérios sacramentais, mas mantiveram vínculos com a liturgia por meio de práticas devocionais e formas de apostolado litúrgico. Depalma evidencia, assim, o paradoxo histórico: a liturgia foi simultaneamente lugar de resistência e de marginalização, de protagonismo e de exclusão.

O terceiro capítulo representa um momento crucial da obra. Aqui, Depalma examina o movimento litúrgico do século XX e a presença das mulheres nele. Destaca como as comunidades femininas, além de assumirem protagonismo pastoral, também produziram textos litúrgicos, traduções e reflexões acadêmicas. É nesse contexto que surgem as primeiras formulações de uma teologia sacramental feminista, articulando espiritualidade,

justiça e crítica social. Depalma apresenta questões práticas e teóricas que desafiam a tradição: a adoção de linguagem inclusiva para se referir a Deus, o uso de imagens femininas e a reinterpretação de textos bíblicos. Essas práticas questionam a visão androcentrista e apontam para uma liturgia mais inclusiva, capaz de refletir a diversidade real do povo de Deus. Outro ponto destacado é a conexão entre liturgia e justiça. Para muitas autoras feministas, a celebração não pode estar dissociada da vida concreta das mulheres, de suas lutas sociais e espirituais. A liturgia, quando vivida com sensibilidade feminista, torna-se lugar de resistência e de transformação cultural, um espaço que fortalece as mulheres em sua fé e ação comunitária.

No quarto capítulo, Depalma volta seu olhar para o futuro, refletindo sobre como integrar os desafios da teologia feminista com os ensinamentos do Magistério, sobretudo da *Sacrosanctum Concilium*. Ela defende a valorização da secularidade como espaço de renovação, a centralidade do mistério pascal como núcleo da liturgia e a corresponsabilidade dos leigos, homens e mulheres, nos processos de simbolização e ritualização. A autora sublinha ainda que a liturgia cristã não pode perder sua especificidade: é ação de Deus em favor do seu povo. Assim, toda renovação litúrgica deve preservar a centralidade do encontro com o mistério divino, ao mesmo tempo que acolhe novas formas simbólicas e culturais. Isso significa que a liturgia, para ser fiel à sua natureza, precisa abrir-se às experiências femininas, reconhecendo nelas uma expressão autêntica da fé cristã.

A leitura de *Espaços litúrgicos de mulheres* revela uma obra consistente, articulada e profundamente necessária. Depalma demonstra rigor metodológico ao combinar análise histórica, crítica feminista e reflexão teológica, dialogando com autoras como Teresa Berger e com experiências concretas do movimento litúrgico feminino. Sua contribuição não se limita ao campo da liturgia, mas toca também os estudos de gênero e da eclesiologia. A obra cumpre o que promete: visitar o passado, iluminar o presente e projetar o futuro. Mais do que um exercício acadêmico, é um compromisso ético e espiritual com a justiça eclesial. Reconhecer o protagonismo das mulheres na liturgia é reconhecer que a Igreja só será plenamente sacramento de comunhão se incluir todas as vozes que a compõem.

Conflito de interesses: Coautora e coautor declaram não haver conflito de interesses.

Recebido em: 30-03-2026

Aprovado em: 10-04-2026

Editor-gerente: Moisés Sbardelotto